

CONDICIONANTES SOCIAIS DA DOXA “LIBERAL” NAS CLASSES POPULARES

Fábio Ricardo dos Anjos Ribeiro¹

Resumo: Tomando-se como inspiração um trabalho empírico exemplar de Pierre Bourdieu, *As Regras da Arte*, no qual o referido autor mobiliza sua teoria para compreender a configuração sociohistórica de um universo social específico, em que as disposições dos agentes em grande medida correspondem às posições ocupadas por eles no espaço social e tendem a ser estruturalmente coerentes com as tomadas de posição observadas, defende-se aqui a rentabilidade heurística de se estudar a visão de mundo “liberal”, corrente em certos estratos de classe que experimentaram recente ascensão econômica no Brasil, associando-a aos demais aspectos das práticas frequentes nesses estratos. Esse esforço implica conceber práticas e representações como estruturalmente integrantes de um estilo de vida correlativo à posição de classe.

Palavras-chave: classe social; estilo de vida; *doxa*; visão de mundo liberal; representações sociais.

SOCIAL DETERMINANTS OF WORKING-CLASS “LIBERALIST” DOXA

Abstract: *Taking as inspiration an exemplary empirical work by Pierre Bourdieu, The Rules of Art, in which the author mobilizes his theory to understand the sociohistorical configuration of a specific social universe, within which the dispositions of the agents largely correspond to the positions occupied by them in the social space and tend to be structurally coherent with the observed position-takings, it's defended here the heuristic profitability of studying the "liberal" worldview, current in certain strata of class that experienced a recent economic rise in Brazil, associating it to the other aspects of the frequent practices in these strata. This effort implies to conceive practices and representations as structurally integrating a lifestyle correlative to class position.*

Keywords: *social class; lifestyle; doxa; liberalist worldview; social representations.*

Introdução

Neste artigo procuro fazer uma apropriação do raciocínio de Pierre Bourdieu, valendo-me principalmente do referencial conceitual e da análise empreendida no livro *As regras da arte*, para compreender as condições de possibilidade da emergência e vigência de um discurso liberal na *doxa* aparentemente liberal das classes populares

¹ Mestre em Ciências Sociais – Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: fabiorarib@gmail.com
CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Juiz de Fora Ano 7, Ed. 17 Out 2013/Ago 2014

brasileiras. Apesar de se tratar de um exercício de análise com inspiração intelectual no autor, o objeto de investigação difere consideravelmente daquele do referido livro, o que explica e justifica a utilização adaptativa, por homologia, não mecânica, dos conceitos formulados no confronto com outras realidades que não aquela que estudo. O que se perderia diante da impossibilidade de, digamos, se testar hipóteses transcontextuais, válidas para universos sociais similares, se ganha em poder adaptar e porventura reconstituir os conceitos, originalmente formulados *pari passu* à pesquisa empírica, também à luz de novas pesquisas, feitas em contextos que são diferentes sob diversos aspectos relevantes. Este esforço é uma etapa ainda bastante preliminar da pesquisa que realizo, no âmbito do doutorado em Ciências Sociais da UFJF. Todas as referências feitas aqui ao atual trabalho acadêmico do autor dizem respeito aos achados dessa pesquisa em andamento.

Em *As regras da arte* Bourdieu reconstitui o espaço social do romance “A educação sentimental”, de Flaubert, e destaca, por um lado, em que medida as personagens refletem em suas práticas as posições ocupadas nesse espaço e, por outro, como o próprio escritor – e, por consequência, sua obra – se posicionavam à época no sistema de disputas pela definição da literatura legítima. A localização geográfica de origem e de atual moradia das personagens, o deslocamento entre as regiões, as ocupações funcionais dos agentes e de seus pais, são todos elementos muito bem delineados no romance e esse expediente representa, para Bourdieu, um feliz exercício imaginativo de construção de posições socialmente estruturadas, disposições e tomadas de posição dos agentes, com a prerrogativa do “exagero” concedida à literatura artística.

Flaubert, assim como Bourdieu faz em sua sociologia - inclusive localizando o próprio escritor no campo artístico-literário nascente - traça o espaço estrutural, hierarquizado, no qual as trajetórias sociais ascendentes e descendentes distinguem-se claramente (BOURDIEU, 1996, p. 59). É certo que o interesse mais específico de Bourdieu é o campo artístico, de recente constituição e autonomização, estudado através de um de seus domínios, a literatura. No entanto, todo o exercício de reconstituição do espaço social e da vinculação das tomadas de posição no interior do campo às disposições e essas, por sua vez, às posições ocupadas, está sendo feito ali. O universo traçado por Flaubert, em grande medida, reproduz as tensões existentes no espaço social habitado pelo próprio autor. E é inclusive por assim se fazer que fica possível encontrar no texto o traçado das relações então vigentes, bem como verificar as tensões inerentes

ao campo. Um campo artístico propriamente dito surgia, no final do século XIX, a partir da confluência das forças gravitacionais do campo econômico e do campo mais amplo do poder. As tomadas de posição disponíveis, mais facilmente visíveis no texto, que opera como um modelo construído intelectualmente para descrever/compreender a realidade, são determinadas pela localização no campo.

A meritocracia na *doxa* popular

A *doxa*², “opinião”³ dominante fundada num conjunto de pressupostos naturalizados, tem seus elementos constitutivos evidenciáveis a partir da pesquisa empírica. Um elemento bastante frequente no universo que tenho pesquisado⁴, e que, entre nós, combina-se com um *ethos* carismático de fundamento religioso (contido em ideias como “basta ter fé e lutar que tudo é possível conseguir”, sentença ouvida por mim, frequentemente, nesta ou eu formulações equivalentes), ativa-se em situações em que se experimenta relativa prosperidade econômica e, no âmbito da motivação individual, em situações de ampliação dos “horizontes do desejo” (SANTOS, 2006), como a que vivemos no Brasil ao final da primeira década do século XXI, principalmente entre frações mais desfavorecidas, é a crença na meritocracia, a saber, a noção de que as circunstâncias privilegiam o esforço ou o dom pessoais, nem que seja apenas em um futuro de médio ou longo alcances. Mais frequente nas sociedades capitalistas como uma visão de mundo burguesa e, sobretudo, pequeno-burguesa (já que, estrutural e típico-idealmente a pequena burguesia é a fração de classe que aspira com mais ênfase ao *status* superior, como posição a que se chega por esforço pessoal

² Bourdieu prefere designar *doxa* em vez de ideologia, termo corrente na tradição marxista, da qual o autor em grande medida se aproxima, para se referir ao conjunto de representações naturalizadas, tidas por evidentes, componentes de mecanismos inconscientes que são incorporados na condição de disposições. Faz isso para procurar superar o excessivo intelectualismo presente nas diversas acepções do termo - intelectualismo esse que a concebe ideologia como “falsa consciência”, supondo, primeiro, que há uma dissociação entre mundo e intelecto, práticas e representações e, segundo, que apenas o intelectual crítico teria acesso à verdade, à verdadeira consciência (BOURDIEU & EAGLETON, 1996). Para Bourdieu, “O mundo social não funciona em termos de consciência; ele funciona em termos de práticas, mecanismos (...)” (*id.*, p. 268). Os agentes não estão erroneamente guiados por representações falsas. Fazer essa afirmação seria para o autor um exagero excessivamente cartesiano do marxismo.

³ Sobre as limitações da noção de opinião, corrente em situações como nas “pesquisas de opinião”, ou em menções correntes à “opinião pública”, cf. BOURDIEU, 2003.

⁴ Parte da motivação intelectual para proposição da presente pesquisa de doutorado é tributária de descobertas feitas em pesquisa anterior e que precisaram ser descartadas, uma vez que excediam o foco da abordagem adotada no momento. Os principais achados anteriores estão condensados em RIBEIRO, F. **Telejornalismo Policial e a legitimação do senso comum conservador em dois universos de recepção**. 2016. 209f. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais]. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFJF, Juiz de Fora, 2016.

(BOURDIEU, 1996)), a ideia da meritocracia supõe um mundo composto de indivíduos, sem vínculo social, responsáveis por suas ações e, conseqüentemente, por seus êxitos e fracassos. Associados à crença na capacidade agenciadora do mérito estão desde o ressentimento, como aparente desprezo - que esconde real apego à ordem estabelecida⁵ - até a adulação mais evidente, presente na defesa consciente dos valores legítimos.

No Brasil recente se tem verificado a ascensão social de estratos de classe mais desfavorecidos ser acompanhada da incorporação de valores burgueses. No caso de trabalhadores precários, na “base da pirâmide social brasileira”, onde foi mais expressiva a mudança (POCHMANN, 2012), a ascensão econômica experimentada significou incremento no consumo, facilitado por um generalizado aumento real dos rendimentos oriundos do salário e dos programas de transferência de renda, controle da inflação e acesso facilitado ao crédito pessoal (POCHMANN, 2012). Do ponto de vista mais especificamente simbólico, a onipresente crítica ao “governo” e aos políticos ganhou magnitude inédita, graças sobretudo à autolegitimação desse pensamento, estimulada via internet. Em um mundo no qual, mesmo que com alcances desiguais, todos se expõe, todos opinam, todos se manifestam, todos expressam “o que estão pensando” como requisito mínimo para a mera participação no processo comunicativo, ampliou-se o potencial de reverberação dessa crítica-padrão, claro que sem necessário conhecimento político⁶.

Isso significa que a melhoria material de vida para as pessoas que a experimentaram não foi acompanhada do questionamento dos valores dominantes no sistema capitalista; ocorreu, ao contrário, a incorporação desses valores no âmbito da prática, como parte do conjunto de esquemas de percepção pertinentes ao movimento ascensional nas condições materiais de vida. Apesar de não difundir as disposições mais fundamentais exigidas pelo capitalismo, o que exigiria mais longo tempo de socialização favorável - algo só possível de ocorrer, a rigor, no transcurso de pelo menos uma geração (SOUZA, 2012) - as recentes transformações possibilitaram que se

⁵ De acordo com BOURDIEU (1996), a condição de pequeno-burguês esconde em seu ressentimento a ambição de fazer parte das posições dominantes, de modo que a aparente heterodoxia de fato é a afirmação da ordem. Isso se confirma, por exemplo, pela imediata adoção dos valores dominantes, uma vez que se ascende às posições acima.

⁶ Para um interessante diagnóstico da ingenuidade política do eleitorado médio, referente ao contexto norteamericano, e que, doravante, tornou-se uma incontornável referência de tese a respeito da relativa incompetência “propriamente política” das massas, com aportes da psicologia social, cf. CONVERSE, 1964.

encampasse a defesa dos valores pertinentes à visão de mundo que legitima o sistema. Para tal, foi favorável a existente difusão desses valores, já presentes em estado potencial em um senso comum de alcance mais frequentemente limitado a contextos de experiência próxima e sem estímulo/propensão intelectual no *habitus* para a abertura a explicações mais coletivizadoras (RIBEIRO, 2016). Neste caso, a situação de privação em comum, em vez de produzir solidarização coletiva, estimulou o desenvolvimento de disposições favoráveis a atitudes resignadas, ressentidas, em decorrência da inadequação fundamental ao que é exigido dos indivíduos.

Nos âmbitos mais centrais nos quais está em jogo a produção da visão de mundo legítima - a mídia corporativa, inerentemente heterônoma em relação ao campo mais amplo do poder e ao campo econômico, principalmente -, por sua vez, a representação vitoriosa de fato tem sido aquela que também está tendo sucesso em se adequar ao senso comum espontâneo presente nos universos de privação das classes populares (cf., p. ex., RONSINI, 2012): a sociedade premia o mérito pessoal (cuja fonte pode ser de domínio natural/divino – o dom -, mas que aparece também como decorrente de virtudes morais apreendidas na socialização primária), de modo que, retrospectivamente, este é o responsável pelas desigualdades de fato observadas.

Claro que não se pode mecanicamente deduzir as práticas e representações dos agentes de suas disposições, muito menos de suas posições (BOURDIEU, 1996). Importa verificar as condições sociais específicas de atualização das disposições. Nas palavras de Bourdieu,

as disposições associadas a certa origem social não se consomem senão especificando-se em função, de um lado, da estrutura dos possíveis que se anunciam através das diferentes posições e tomadas de posição de seus ocupantes e, do outro lado, da posição ocupada no campo, que (através da relação com essa posição como sentimento do sucesso ou do fracasso, ele próprio ligado às disposições, portanto, à trajetória) orienta a percepção e a apreciação desses possíveis: as mesmas disposições podem conduzir, assim, a tomadas de posição estéticas ou políticas muito diferentes segundo o estado do campo com relação ao qual têm de determinar-se. (BOURDIEU, 1996, p. 299).

O acesso às disposições só pode se dar a partir do conhecimento, *ex post facto*, das tomadas de posição pelos agentes. Temos acesso às manifestações de gostos, preferências, valores, opiniões e o conhecimento das escolhas de fato feitas, seja, na pesquisa empírica, como resposta a um questionário, seja como observação participante das práticas dos agentes, ou ainda como reações a questionamentos e como maneira, **CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Juiz de Fora Ano 7, Ed. 17 Out 2013/Ago 2014**

forma e conteúdo de julgamentos expressos em momentos de entrevista ou em conversas mais informais. Seguindo de perto a tradição sociológica durkheimiana, penso ser difícil negarmos que em nossa sociedade ocidental expressar-se envolve classificar; julgar implica diferir; apreender o mundo e se manifestar, seja através do discurso, seja pela ação, envolve estabelecer diferenças, posicionar-se, sempre em relação a outras opções disponíveis em um universo estruturalmente finito de possibilidades. O conhecimento das práticas dos agentes possibilita traçar similitudes, verificar correlações. No plano do discurso, possibilita traçar “famílias” a partir de campos semânticos que se estruturam em torno de ideias-chave, como bem formula Pierucci (1987), autor que procurou mostrar a presença, em universo simbólico próprio, de elementos constitutivos de uma visão de mundo de senso comum, conservadora, próxima em seu conteúdo da que estou investigando e que tem emergido como ordem simbólica dominante no momento presente.

Ao investigar grupos que atuavam nas bases eleitorais de candidaturas à direita, na cidade de São Paulo, ao final dos anos 1980, e produzir um conjunto de trabalhos com base nesse universo de pesquisa, Pierucci tornou-se doravante um dos principais escrutinadores dessa visão de senso comum de caráter conservador, apesar de que o autor diagnosticava a ausência de princípios mais especificamente liberais, os quais, na conjuntura da época, diferentemente do que se vê hoje, eram exceção, circulavam apenas entre poucos políticos, intelectuais e jornalistas (PIERUCCI, 1987). Pierucci se refere ao “universo mental” (PIERUCCI, 1987, p. 39) das bases de direita que ele investiga, ou seja, ao conjunto mais ou menos articulado de visões de mundo cujo caráter fortemente conservador no plano moral é destacado pelo autor. Para chegar a suas conclusões, coleta e agrupa elementos discursivos, os quais compõem, claro, não uma axiomática perfeitamente coerente, mas “constelações” semânticas que

se interpenetram, reagem uma sobre a outra, se misturam às vezes, se fagocitam sempre, aqui se enriquecem, ali se anulam, aqui aparecem e ali se escondem, feito massas estelares, distintas, mas nem por isso menos nebulosas. Pelo tipo de material empírico que levantamos (entrevistas semidiretivas), é possível acompanhar a formação dessas constelações e ir tentando decifrar quem é quem, a que família pertence, através dos campos semânticos que se estruturam em torno de algumas idéias-chave. (PIERUCCI, 1987, p. 40).

Apesar de adotar como importante referência, inclusive de método, esse estudo exemplar, mobilizado aqui, por outro lado, também como exemplo de um tipo de

abordagem relativamente “intelectualista” em relação à qual, acredito, é possível avançar com o aporte bourdieusiano, a mim não interessa apenas o “universo mental”, ou apenas a “ideologia”, como um conjunto de representações presentes em uma coletividade e que funcionam ocultando as relações de dominação, algo de fato comum também em grande parte da tradição marxista, em relação à qual, neste aspecto, Bourdieu procura produzir uma análise mais sofisticada. Ao tratar do elemento meritocrático na *doxa* popular, não me interessa o conteúdo ideológico em si e por si, mas sim as posições e disposições dos conjuntos de agentes para os quais esse conteúdo faz sentido, ou melhor, as condições sociais de emergência e vigência desses discursos que, em vez de “falsa consciência” sobreposta como um véu sobre a realidade que necessariamente a nega, só podem ser compreendidos como parte de um conjunto de aspectos da prática estruturalmente articulados, socialmente coerentes. A mim importa o conjunto de práticas e representações relativamente integradas e que se fundamentam em disposições homólogas. Ou seja, interessa-me o *habitus*, que abarca mais que sistemas de crenças, valores, visões de mundo. O *habitus* é também uma maneira de fazer, de agir, uma maneira de pensar, para além do próprio conteúdo ideológico do pensamento e das opiniões expressas. Tanto o é que um conjunto sistemático de disposições subjetivas similares pode engendrar, em diferentes agentes, a depender do contexto de atualização, diferentes e até opostos conteúdos ideológicos (BOURDIEU, 1996). O que se deve fazer é perscrutar um conjunto de práticas e representações de determinados indivíduos, pôr em destaque seu vínculo com o espaço social de onde emanam – o que se faz reconstituindo esse espaço social “a partir de um conjunto extensivo de variáveis relevantes e suficientemente amplo para permitir a apresentação plenamente multidimensional dos indivíduos” (ROUANET *et al.*, 2005) - e, a partir daí, baseado na descoberta das correspondências, supor e tentar captar o *habitus* comum que possibilitou a emergência daquele conjunto de atributos similares ou pelo menos homólogos.

As propriedades pertinentes dos agentes estão estruturalmente relacionadas. *Habitus* semelhantes tendem a engendrar esquemas de visão, ação e apreciação semelhantes. Desse modo, o compartilhamento de propriedades semelhantes tem grande probabilidade de expressar *habitus* semelhantes. Trata-se de mostrar o que caracteriza esse *habitus*, quais seus elementos mais pertinentes. No plano das representações, as opiniões mais ou menos “especificamente políticas” (BOURDIEU, 2003) relacionam-se

com o lugar no espaço social ocupado por aqueles que as expressam. Determinadas crenças e valores expressos tendem a ocorrer frequentemente coordenados com um conjunto específico de ações. É essa relativa unidade das práticas, decorrente do *habitus* como princípio gerador comum, cujos indícios foram encontrados, para um universo de menor alcance, na pesquisa que resultou em minha dissertação de mestrado⁷, que se postula neste trabalho e cuja pertinência se verificará na pesquisa empírica. O conhecimento dos elementos discursivos, agrupados em campos semânticos, possibilita o mapeamento das modalidades através das quais a ideologia meritocrática aparece. A correlação desses elementos, correspondentes a esquemas de visão, com os atributos de localização estrutural e às escolhas em outros âmbitos de atividade pode proporcionar uma melhor compreensão desse universo social historicamente contingente dentro do qual faz sentido para os agentes ali envolvidos a reprodução dessa visão de mundo individualista no nível do evidente, do natural, do plenamente inquestionável, ou seja, como *doxa*. Um dos componentes desse *habitus*, inegavelmente associado a uma curta formação escolar, é o desinteresse pelos temas legítimos da esfera política, ou o fechamento à experiência (ADORNO *et al.*, 1950), ou mesmo a restrição ao universo conhecido ou ao conhecimento de experiência próxima, conforme verifiquei.

Muito provavelmente conseguirei encontrar a principal fonte da crença no mérito próprio, mais que na posição atual dos agentes, em sua trajetória, o que pode ser captado cotejando variáveis que deem conta da mudança longitudinal, como escolaridade máxima, tipo de ocupação e renda média dos sujeitos pesquisados em relação a seus pais, mudanças nos hábitos de consumo e no local de residência no interior das próprias famílias dessas pessoas etc.

Se, por exemplo, ao final da década de 1980, após período recente de privação das liberdades política, não se encontrava muito facilmente no país, mesmo em ambientes mais esclarecidos, quem se afirmasse publicamente defensor da moral vigente, que se declarasse de direita, a favor da liberdade antes que da igualdade etc. (PIERUCCI, 1987), hoje corresponde ao discurso público por excelência a defesa dessas causas. Tanto que, depois de anos de massiva exposição pública desses valores e da associação deles como alternativa aos principais problemas do país, encontra-se disseminada na *doxa* corrente nas classes populares aquilo que até então encontrava-se

⁷ Cf. nota 3, acima.

ali apenas em estado latente. Condições sociais presentes criaram a possibilidade para a emergência massiva do que era apenas potencial.

Depois desse tempo de crítica onipresente às mazelas do país e a exitosa associação delas, no imaginário popular, à corrupção no âmbito do Estado, especialmente àquela associada aos recentes governos federais de “esquerda” (com seus valores expressos e mais ou menos (re)conhecidos), passou-se a negar tudo que se relacione a esses valores e, por protesto, a formular e expor explicitamente aquilo que reforça os preconceitos de classe mais arraigados e a se desconfiar e até negar a existência dos preconceitos. Em um contexto de ascensão social dos mais desfavorecidos, a classe social, divisão mais determinante desse movimento, apesar de destacada pelo relativo sucesso da ação governamental na base distributiva, passou a ser dimensão explicitamente negada por aqueles que, claro, tinham mais interesse objetivo em ofuscar sua existência – os que ocupam posições dominantes na hierarquia social – e também por aqueles que viam na ascensão experimentada a confirmação do mérito próprio e da noção de que a divisão é fruto apenas da ação de cada um, individualmente. A perspectiva de que o mundo capitalista é estruturado em termos de classe passou a ser atribuída pejorativamente à ação vil das administrações federais petistas, as quais supostamente procuraram dividir a sociedade brasileira, atuando deletariamente na dissolução da solidariedade nacional mais fundamental (CAVALCANTE, 2015). Uma novidade da discussão em âmbito mais vasto, hoje – tão devida também à capacidade de autoafirmação ideológica, de fortalecimento dos próprios valores, possibilitada pela proliferação de grupos de afinidades ideológicas que se tornaram as redes sociais da internet – tem sido a defesa consciente e desavergonhada de valores tradicionais, a afirmação do *status quo*, envolta pela aparente contestação de mazelas mais visíveis – em oposição intencional ao que se apresentou no imaginário popular como negação desse estado de coisas – a saber, a “esquerda”, sobretudo o “petismo” (CAVALCANTE, 2015).

Ideias não pairam autonomamente, independentes de agentes dispostos a lutarem por elas, a reativá-las continuamente. As ideias só existem quando materializadas em instituições e uma vez atualizadas através dos agentes (BOURDIEU, p. 305). A hipótese a ser averiguada empiricamente é que a ascensão socioeconômica (melhores rendimentos e mais facilitado acesso a formação escolar superior através de políticas de expansão e estímulo dos mais necessitados ao acesso à educação superior), ao

possibilitar acesso a um mundo novo antes desejado, criou condições objetivamente favoráveis à ativação de discursos que valorizam a faceta mais facilmente visível da causa da melhora obtida, qual seja, o esforço pessoal. Para a visão imediatista do agente, a melhoria de vida, claro, deveu-se a um conjunto de esforços feitos no passado. É vista, seja como recompensa divina por esses esforços (no tom da “ética protestante”, atualizada contemporaneamente em sua versão “teologia da prosperidade”, que embala a pregação evangélica hegemônica nos meios populares), seja, em versões menos explicitamente teológicas, como o truísmo da decorrência inevitável da lógica de premiação natural da sociedade em que vivemos. Nessa visão de mundo, o pressuposto é: a “sociedade” beneficia aqueles que se esforçam. A ascensão econômica deveu-se aos esforços, sejam aos meus, sejam aos de meus antecessores familiares mais imediatos.

A crença no mérito, portanto, é uma “potencialidade objetiva” associada a uma experiência pessoal de melhoria relativa de vida. Na atual configuração da dinâmica de classes⁸ a ativação da crença, ao se tornar, por razões conjunturais, o clima mais corriqueiro na esfera pública – ou seja, a visão dominante no conjunto dos âmbitos objetivamente legítimos, mais autorizados como tais a (re)produzir visões e pareceres sobre o mundo – foi reativado com maior “autoconfiança” nas camadas populares, consumidoras desse discurso⁹, já que hoje tem se desconfiado, mais espontaneamente, por força da massiva presença na “opinião pública”, da oposição de viés menos individualista que se encontrava antes da proliferação do fenômeno “ascensão conservadora” que se tem observados nos últimos anos. Ou seja, o “liberalismo” popular, vinculado a uma percepção de curto alcance que entre nós está associado sobretudo ao volume e tipo de capital (baixo capital econômico, mas principalmente baixo capital cultural), no caso, implicando pouca indisponibilidade de experimentar diferentes perspectivas e à baixa possibilidade cognitiva de abstração, da qual depende o raciocínio de viés mais coletivizador, e agora encontrando confirmação pública no discurso dominante, seja através da mídia corporativa tradicional, seja na

⁸ Em *As regras da arte*, o foco, mais de “médio alcance”, por assim dizer, é o campo, domínio restrito do espaço social, relativamente autônomo em relação aos demais, e que tende a operar de acordo com certas propriedades pertinentes. As classes, agrupamentos mais amplos que dependem da maneira como estão distribuídos os capitais principais, operam como pano de fundo que estabelece as disposições de formação anterior à vivência no interior do campo e que, portanto, delimita em grande medida o universo de possibilidades dos agentes.

⁹ Em trabalho anterior (RIBEIRO, 2016) tentei expor uma maneira através da qual o discurso veiculado através de um setor da instituição de maior penetração na esfera pública, o telejornalismo, legitima visões de mundo latentes no universo de destinatários da mensagem.

“intelectualidade” que, hoje (como resposta no âmbito da produção aos anseios de crítica ao governo, aos políticos, à política...) pauta os julgamentos mais frequentes nas redes sociais - principal e, em grande medida, exclusivo local de acesso das classes populares na internet. É evidente que a crença meritocrática tem encontrado legitimação no aparente neutralismo dos intelectuais midiáticos, “*fast thinkers*” (Bourdieu, 1997) da mídia corporativa e/ou das redes sociais da internet, os quais, na posição de “intelectuais conservadores”, como analisado por Bourdieu, confirmam o senso comum, encarado como afirmações de “verdades simples” e evidentes, baseando suas análises em um “realismo político”, no “bom senso”, na “limpidez simplista do vulgarizador” (BOURDIEU, 1996, pp. 312 – 313). Exemplos desse tipo de reprodutor profissional abundam em nossa indústria cultural.

Entendo estarmos no Brasil diante de uma situação, pelo menos no âmbito ideológico, de “aburguesamento da classe trabalhadora”, mesmo que, claro, essa mudança não tenha sido acompanhada da efetiva e duradoura melhoria que implicaria, em larga escala, expressiva minimização das desigualdades sociais. Como tiveram recente melhoria de vida, perceberam essa melhoria à luz de uma ética de valorização do trabalho, recentemente identificada, também universo de classe popular, por VICENTE (2017), e que, se recuarmos no tempo, remete pelo menos à sua institucionalização pela criação da carteira de trabalho, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas¹⁰. O trabalho é necessidade vital na posição que ocupam. Aparece como signo de distinção, marcado estruturalmente sobretudo pela utilidade à reprodução do capitalismo. O “trabalho produtivo”, portanto, é visto não como uma simples necessidade inerente à posição dos agentes, decorrente da situação econômica em que vivem, mas como uma virtude distintiva daqueles de boa índole, dos mais esforçados, dos que sabem “aproveitar as oportunidades disponíveis”, dos mais “batalhadores”¹¹,

¹⁰ Assim como para Bourdieu a análise sociológica da “disposição estética” depende de uma história das instituições responsáveis para produção e reprodução do gosto, penso que é importante termos condições de identificar, no Brasil, nesse aspecto da política trabalhista de Vargas, institucionalizada em um instrumento como a carteira de trabalho, a (re)produtora dessa ética do trabalho como algo que distingue por afastar da marginalidade.

¹¹ Não deixa de ser sintomático de um contexto de relativa prosperidade econômica, somado à já presente valorização da ética do trabalho entre os pobres, encontrarmos a designação populista “batalhadores” como conceito principal em um livro pretensamente científico de um sociólogo crítico como Jessé Souza. O termo, de caráter celebrador, é usado para denominar o estrato emergente da classe trabalhadora brasileira. Em uma atitude aparentemente “editorial”, ou seja, eminentemente comercial, com vistas ao entendimento imediato de amplas parcelas do público consumidor e ao posicionamento contrário à definição mais difundida no momento e que associava esse estrato a uma “nova classe média brasileira” (cf. NERI, 2008), o autor manteve o viés politicamente favorável ao objeto, presente também na definição

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Juiz de Fora Ano 7, Ed. 17 Out 2013/Ago 2014

em relação aos vagabundos, termo associado no Brasil simultaneamente à aversão ao trabalho e à constância no desvio moral/legal.

Considerações finais

Ao evidenciar formas e conteúdos de discursos (já que, mais que o significado “universalmente” compreensível, vale o efeito produzido por esse discurso entre aqueles que o professam, ou seja, vale o significado coletivamente partilhado (BOURDIEU, 1996)) procuro verificar suas correspondências a um conjunto de práticas conformadas por disposições equivalentes. O objetivo é verificar as correlações entre práticas e representações dos agentes, destacando as “razões de ser” de determinada visão de mundo e sua concomitância de ocorrência com outros atributos, o que é indicativo de uma semelhança de *habitus*. Trata-se de detectar essa semelhança e de expor os elementos eu a denunciam. As representações, gostos e práticas dos agentes são relativamente correspondentes e, coletivamente, encontram-se correlações entre atributos, que ocorrem em simultaneidade. O *habitus* em comum é empiricamente inferido, como o faz Bourdieu (tanto relendo sociologicamente a estruturação dos personagens de Flaubert enquanto atores sociais, quanto para localizar os próprios escritores franceses - com destaque especial para Flaubert e Baudelaire, os mais proeminentes deles - uns em relação aos outros¹², no emergente campo literário), a partir do conhecimento dos atributos correspondentes e da localização desses atributos em relação aos demais. Os atributos são, portanto, propriedades e tendem a expressar a resultante de posições atuais e trajetórias transcorridas no espaço social, seja naquilo que diz respeito a localizações mais específicas, constrictivas e de menor alcance populacional, como o são os campos, seja no que localiza em termos de classes sociais, a mais efetiva, expressiva e estruturante forma de divisão na sociedade capitalista.

que crítica. Marcado pelo esforço declarado de desvelar, com suporte no ferramental conceitual sociológico e pesquisa empírica, aquilo que se encontra velado, a mascarar as relações de dominação vigentes (cf., p. ex., SOUZA, 2006), acaba reproduzindo em sua obra um valor popular tão arraigado, como que numa adulação às virtudes dos pobres – “trabalhadores honestos” - conotada pelo termo “trabalhador”, acrescido do valor do esforço pessoal, contido na acepção corrente do adjetivo “batalhador”. O sociólogo, neste caso, atua mais como um “*doxósofo*” (BOURDIEU, 1996, p. 377), a favor dos dominados, ao reproduzir a *doxa* predominante entre eles, em uma aparente ambição, heterônoma em sua natureza, de ser compreendido para além da academia, o que já prenunciava postura assumida explicitamente em publicações mais recentes (cf., p. ex., os livros “A tolice da inteligência brasileira”, publicado em 2015, e “Radiografia do golpe”, de 2016).

¹² Pois, claro, não há posições absolutas. Um dos conhecidos traços marcantes da epistemologia adotada por Bourdieu é sua perspectiva relacional, que procura tomar como “unidade de análise” as múltiplas relações em vez de partir de entidades reificadas.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor *et al.* **The Authoritarian Personality**. New York: Harper & Brothers, 1950. (Studies in Prejudice Series, v. 1).

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **A opinião pública não existe**. In: Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século, 2003.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CAVALCANTE, Sávio Machado. **Reprodução social e revolta política da classe média no Brasil recente**. ANPOCS. 39º Encontro Anual da ANPOCS. GT 3 – As classes sociais no Brasil contemporâneo, Caxambu/MG, out. 2015, pp. 1-25.

CONVERSE, Philip E. **The nature of belief systems in mass publics**. (1964) 2006. Critical Review, 18:1-3, 1-74, DOI: 10.1080/08913810608443650. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/08913810608443650>>. Acesso em: 10 fev. 2018

NERI, Marcelo (coord.). **A nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2008.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 19, dez. 1987, pp. 26-45.

POCHMANN, Márcio. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

RONSINI, Vaneza. **A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROUANET, H.; ACKERMAN, W.; LE ROUX, B. A análise geométrica de questionários: a lição de *La Distinction* de Bourdieu. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 15, 2005, pp. 43-52.

SANTOS, Wanderley Guilherme. **Horizontes do desejo: instabilidade, fracasso coletivo e inércia social**. FGV, 2006.

SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé *et al.* **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2 ed., rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

VICENTE, Eliana. **Reconhecimento social**: algumas percepções sobre as estratégias de busca por reconhecimento social de atores das camadas populares. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia, Brasília (DF), jul. 2017. Disponível em: <<http://sbs2017.com.br/anais/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-1415-2.pdf>> Acesso em 10 fev. 2018.